A Experiência do Agente Comunitário de Saúde no Enfrentamento da COVID-19

Autores: Laura Navarro, Aldevania Batista, Joyce Siqueira, Gislene Araujo, Iraneide Moreira, Sara Nascimento

UBS Jardim Selma

Introdução:

Com o início da Pandemia da COVID-19 a Unidade Básica de Saúde (UBS), teve que readaptar sua forma de trabalho. O Agente Comunitário de Saúde (ACS) desempenhou um papel importante no enfrentamento e apoio da unidade. Com visitas domiciliares suspensas, estes profissionais se encarregaram de apoiar a UBS no que fosse necessário. Sua carga horária estava dividida em tarefas de orientação, busca ativa, ações no território voltados para o COVID-19, organização de fluxo, entre outros.

Justificativa: Registrar como foi a vivência do ACS no enfrentamento da Pandemia do COVID-19, visando reforçar a importância e relevância deste profissional na Atenção Básica.

Objetivo: Relatar experiências pessoais, percepções e atuação do ACS no enfrentamento da pandemia de COVID-19.

Relato de Experiência: Desde o início da pandemia, o ACS estava envolvido em todos os processos da unidade. O ACS experimentou, como nunca, atuar na linha de frente na unidade num momento muito delicado. O medo, ansiedade e insegurança tornaram-se bem presentes nas falas do ACS. Queriam ouvir uma resposta para seus questionamentos, saber quando a pandemia iria acabar, se iria ter vacina, e várias outras perguntas que até então, ninguém sabia responder. Um momento bem intenso foi quando houve um aumento de casos de pacientes contaminados pelo COVID-19, casos que chegavam na unidade com maior complexidade. Neste momento, parte dos ACS estava na linha de frente. Por vezes, estavam na sala de espera, vendo a angústia e sofrimento dos acompanhantes. Esta etapa mostrou-se mais intensa e de maior sofrimento para esta categoria, pois os pacientes que chegavam à UBS eram pacientes conhecidos, vizinhos, pacientes que o ACS tinha um vínculo muito forte. Não foi raro o ACS ver seu familiar na UBS com sintomas de COVID-19, gerando uma comoção e apreensão intensa.

A reação da população também foi um ponto marcante para o ACS. Foi evidente a falta que o ACS fazia no território e a falta que este profissional sentiu de estar acompanhando efetivamente seus pacientes. Houve um misto de sentimento e reações por parte da população, parte mostrava-se revoltada por não acreditarem na proporção que a pandemia havia tomado, parte dos pacientes apoiavam o trabalho que estava sendo realizado. Dentro deste contexto, o ACS sentia muita frustração, pois observava que a população, na sua maioria, não tomava as medidas de segurança necessárias, realizava festas e aglomerações, sem uso adequado de máscaras. O relato de revolta e frustração foi constante por parte do ACS. Nos períodos de mais intensidade, optou-se por reuniões onde os profissionais conseguiam expressar seus sentimentos. Era comum alguns profissionais, principalmente o ACS, chorarem e mostrarem sua fragilidade nas reuniões. Outro momento de grande impacto foi quando os familiares dos funcionários começaram a falecer. A comoção e luto na unidade foram evidentes. A grande maioria foram familiares de ACS, exigindo muito desta categoria no dia a dia de trabalho. Foram coletados alguns relatos na íntegra de alguns ACS, retratando um pouco desta experiência: “para mim foi assustador, não tínhamos conhecimento da doença, estávamos acostumados com respostas rápidas e resoluções para inúmeros problemas”. Tive medo de perder meus familiares. Foi difícil interromper a ida à faculdade. Minha tia, que foi a primeira pessoa que se contaminou da nossa família, não teve sintomas graves no início, mas como ela tinha comorbidades, precisou ser internada no hospital de campanha, e o medo tomou conta de mim. No dia em que ela foi transferida, ela disse pra mim: cuida das minhas filhas. Naquele dia eu achei que não iria mais vê-la. Após dois dias ela teve alta e tivemos que deixá-la isolada, mas logo ela se recuperou, porém ficou com algumas sequelas.” ‘’ Eu tinha medo de perder as pessoas, tinha medo de passar a doença para os meus parentes, o fato de chegar em casa e ver minha filha pedindo o peito, e eu ter que tirar toda a roupa e me higienizar para não contaminá-la, me deixava muito triste. Aprendi a me importar mais com o outro, a me comunicar por mensagens, redes sociais, pois eu não via mais as pessoas.’’

‘’ Nesse período que estamos vivendo, acredito ser difícil alguém não ter perdido algum ente querido, amigo próximo ou conhecido”. Nessa guerra tão difícil, a história de muitos já acabou. Inclusive para o meu pai, meu pastor, muitos colegas e alguns amigos. E a minha luta é seguir, prosseguir, cuidando de mim do meu filho, meu marido, minha mãe e meus irmãos, fazendo minha história como ACS para também deixar meu legado. Encorajando os vizinhos e colegas que estão passando pela mesma situação. E sigo acreditando que há esperança, acredito em Deus, acredito em milagres, acredito na competência dos médicos, máquinas e na ciência, acredito no SUS, acredito na vacina e acredito que isso logo vai passar, será apenas matéria que nossas crianças falarão na escola como sobreviventes de uma pandemia. E eu faço parte desta história. “O meu maior medo era perder minhas filhas e os meus pais, eu já tinha um histórico de ansiedade, a ponto de chegar em casa aos prantos e nem saber o motivo. Um episódio que me marcou, foi ver um paciente chegando na unidade com suspeita de COVID e vi um ACS pegar o paciente pelo braço e levar para o local onde os pacientes com sintomas respiratórios são atendidos. fiquei impressionada com a colega que não teve medo de se expor e teve um olhar de cuidado para o paciente. “Lembro-me de ver os noticiários: ao todo são 800 mortos na Itália. Aquilo me deixava desesperada, tive crises de choro, eu achava que todos nós íamos morrer. Na primeira reunião que tivemos com a gerente, ela nos informou que não iríamos mais realizar as visitas domiciliares, lembro-me que ela pediu que tivéssemos um olhar mais atento para equipe de enfermagem. Presente na reunião estava e enfermeira Claudia, lembro que olhei para ela e pude sentir o medo e o desespero de um vírus desconhecido a qual não sabíamos como iria nos afetar.’’ “No começo de tudo, foi o medo por minha família, ficar na linha de frente sabendo que aqueles pacientes estavam com sintomas do COVID e sem poder chegar em casa e abraçar meus familiares, isso acabou comigo. Sentia muito falta das visitas também. Porém eu tenho uma paciente que todos os dias no mesmo horário em que eu passava, ela gritava da sacada: ‘estou orando por todos vocês’ e isso me dava força.”

Contribuições: Evidenciou-se portanto que o ACS esteve na linha de frente nesta pandemia, e no momento em que a UBS mais precisou desta categoria, ninguém recuou. O momento atual também requer muito trabalho, pois a Pandemia não acabou, a vacinação, reestruturação do território, retomada de acompanhamentos, gera uma grande demanda de trabalho. O ACS está enfrentando, mais uma vez, um momento bem delicado, com uma população mais vulnerável e com questões de saúde mais complexas. Mas, mais uma vez o ACS não recua, pelo contrário, se enche de esperança e segue fazendo o seu melhor.